

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

## OS TEMORES, A MORTE E O LUTO NA ESCUTA CLÍNICA COM IDOSOS<sup>1</sup>

**Rafael José Backes<sup>2</sup>, Karine Klein<sup>3</sup>, Adriane Belarmino<sup>4</sup>.**

<sup>1</sup> Trabalho de extensão do Estágio Supervisionado em Psicologia e Processos Clínicos do Curso de Psicologia da UNIJUÍ – Campus Santa Rosa.

<sup>2</sup> Acadêmico de Psicologia e Estagiário da Clínica Escola de Psicologia da Unijuí – Campus Santa Rosa.

<sup>3</sup> Acadêmica de Psicologia e Estagiária da Clínica Escola de Psicologia da Unijuí – Campus Santa Rosa.

<sup>4</sup> Acadêmica de Psicologia e Estagiária da Clínica Escola de Psicologia da Unijuí – Campus Santa Rosa.

### Introdução

A busca de idosos por tratamento psicoterapêutico tem se tornado constante na prática clínica. Na escuta do discurso do envelhecimento, depara-se com situações que, por mais cotidianas que pareçam ser, demandam sofrimento ao sujeito. Situações desencadeadoras de grandes emoções, como as perdas constantes, a morte eminente, os medos incertos e a dor que não cessa devido ao luto vivido ou, que às vezes, parece não ter fim. Dores sem um tempo cronológico, são revividas durante a análise, num entrelaçamento do passado, presente e futuro. Assuntos, discursos, demandas que evidenciam a finitude do ser, e que, muitas vezes, despertam angústias nos psicoterapeutas. Por isso, objetiva-se a busca por estudos que discorrem sobre o tema, e que darão o norte para uma condução adequada a psicoterapia analítica com os idosos.

### Metodologia

A metodologia do presente trabalho parte da escuta clínica que ocorre no estágio de psicologia e processo clínicos e a decorrente necessidade de busca teórica para a escuta terapêutica. Dessa forma, foi realizada uma revisão bibliográfica que permitiu auxiliar na compreensão do sofrimento causado pelas perdas no envelhecimento.

### Resultados e Discussão

Onde está o menino que fui, segue dentro de mim ou se foi? / Se minha alma tombou por que permanece o esqueleto? / Mas sabes de onde vem a morte, de cima ou de baixo? / Achas que o luto te adianta a bandeira de teu destino? / As lágrimas que não se choram esperam em pequenos lagos? (Pablo Neruda. Livro das Perguntas. 2010)

Iniciar o texto com trechos do livro de poemas de Pablo Neruda permite trazer questões que ajudam a pensar: o que permeia a nova configuração clínica que vem se apresentando no ambiente clínica-escola, ou seja, idosos em busca da psicoterapia? Sabemos que, a população idosa vem crescendo constantemente, e junto, a necessidade de mais estudos e pesquisas que viabilizam dar voz e vez a este, e principalmente, oportunizar uma escuta refinada, que permeie os tempos, dentro de revivências do passado, do presente e do futuro.

Nas literaturas pesquisadas são diversos os estudos que demonstram que além de doenças crônicas apresentadas com a idade avançada, como a hipertensão, artrite, reumatismo, diabetes, problemas

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

cardíacos, osteoporose, também remetem a aspectos psicológicos como a depressão, problemas cognitivos, perda de memória, raciocínio e outras funções mentais. No entanto, estas comorbidades atingem diretamente a capacidade funcional do idoso, ou seja, sua autonomia para gerir a própria vida, tornando-o total ou parcialmente dependente de cuidados. Não obstante, estes posicionamentos resumem o idoso apenas como sujeito biológico, refletindo diretamente a estrutura da sociedade moderna, que valoriza o corpo belo e saudável, contudo, fazendo com que cada vez mais o sujeito do desejo, neste caso o idoso, comece a silenciar-se.

O acompanhamento das transformações sociais é possível para aqueles que experienciam a longevidade. Um idoso, como mais de sessenta anos de vida, passou por diversos momentos de mudança: da sociedade, da família, financeiras, de trabalhador para aposentado, de pais para avós, mudanças do corpo e de papéis (de protagonistas a expectadores). Junto a todo este movimento, as perdas e os medos são inevitáveis. Assim, a procura desta população pela psicoterapia, marca a clínica e desafia a pensar o idoso como sujeito desejante, que busca um alívio dos sofrimentos e um espaço de escuta, devido às consequências do tempo e também dos traumas de uma cultura fundamentada em tabus. Buscam respostas, para a juventude que se foi, pela alma que se perdeu, pelas lágrimas que não choraram e pelo luto que evidencia seu futuro. Assim também, espera pela morte do outro, do seu companheiro(a), dos amigos e por fim sua própria morte, tendo em vista a finitude, espera morrer para aliviar a dor das perdas que sofreu e que ainda vai sofrer.

Perder a própria casa e o lugar social que se ocupava na família ou no mundo requer um processo de luto. O trabalho de acompanhamento terapêutico confirma a importância de oferecer escuta para que idosos possam repensar seus projetos e manter algum tipo de atividade que lhes dê sentido para continuar investindo na vida. (CHERIX, 2013, p. 148).

Dentre as diversas demandas que o idoso traz no discurso clínico, aquelas que mais se destacam nas queixas são os assuntos envolvendo o medo, a morte e o luto, visto que, nesta etapa da vida as perdas se fazem evidentes. No entanto, suas queixas não são apresentadas nos discursos de forma explícita, mas vem carregadas de resistências e camufladas, sendo necessário uma escuta flutuante para ler as entrelinhas de suas falas. É dentro da constatação de um ser finito, que se constrói a resistência e a negação de sua finitude, como nos traz o autor Jerusalinsky (1996), quando este apresenta a “crise de meia Idade”, na qual, todas as repetições para o sujeito já se instalaram, deixando estes indefesos para o enfrentamento de seus medos mais profundos.

Na prática clínica se observa que após uma sessão de psicoterapia em que o idoso consegue associar livremente, trazendo a tona grandes sofrimentos reprimidos, logo se apresenta a resistência, que resulta na falta de sessões ou, ao retornar a esta, o seu falar fecha-se, trazendo um discurso que remete sempre ao outro e não a si como sujeito. Com isso, podemos pensar na alteridade como uma forma de construção do envelhecimento, conforme Goldfarb (1998), o idoso se apresenta sob o olhar do outro, como se fosse algo alheio, que não o pertence, mas, é apresentado pelo outro, assim, acarretando uma estranheza em si e de si. Também, é possível pensar, o quão doloroso deve ser o enfrentamento de uma realidade que é imposta, dentro de uma sociedade que lhe impõe o oposto.

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

No momento em que o idoso passa a se questionar quanto ao seu papel na família, na sociedade, daquilo que já produziu, e ao perceber o momento em que vive, da perda das relações afetivas, por meio simbólico ou real, ele produz sintomas, e assim, diante dos discurso apresentado na clínica, é possível se questionar: como é possível buscar formas de reelaborar a visão da morte, frente a um sofrimento de medo e/ou de luto que se evidencia? Como elaborar um luto, que se entrelaça ao sofrimento de passados que remetem a infância e se articulam com as perdas recentes, e os medos do que esta por vir?

As queixas que se direcionam, na escuta clínica, se remetem aos relatos de perdas de familiares, amigos, do medo da morte, situação de saúde vivida no momento ou de deixar em desamparo seus familiares e o medo da solidão. Devido às relações afetivas atualmente constituídas, são situações que despertam angústias ao psicoterapeuta, contudo, este necessita realizar um manejo clínico de forma que o paciente possa elaborar seu luto. Algumas vezes, o enfrentamento das inversões de papéis, onde seus filhos tornaram-se pais (ou acabam por se tornar pais dos próprios pais devido a perda de autonomia ao envelhecer e a precariedade do corpo que não é mais o mesmo), de uma posição de casada(o) para viúva(o), faz com que, o enfrentamento do distanciamento de familiares e perdas amorosas tornem-se necessárias, para que estes possam sustentar o “esvaziamento do valor narcísico de sua imagem” (JERUSALINSKY, 1996, p. 5).

A ferida narcísica proveniente das perdas passa a ser de difícil acesso, evidenciada por meio das resistências e da negação apresentada, contudo, dá-se o tempo necessário para que o paciente possa elaborar as angústias, escutando o silêncio e as falas aleatórias. A inversão de papéis, na maior parte das vezes, não é aceita como algo que faça parte do ciclo natural da vida, o idoso supõe que essa mudança seja algo que tire ele do lugar que ocupa ou que ocupava até certo momento da sua vida, vê como um enfrentamento por não conceber a modernidade do mesmo modo que é vista pelos mais jovens.

Diante da visão do finito, enfrenta-se o medo “da morte do outro”, “da própria morte” “do que vêm após a morte” e do “medo da extinção” (KOVÁČ, 1992, p. 16). Neste contexto, vê-se um sentimento de ineficácia e de inutilidade diante do inevitável sofrimento do luto e de ser indefeso ao abandono. Em seus discursos evidenciam-se o medo da solidão e das perdas simbólicas ou reais já estabelecidas. Freud (1915) trata a atitude perante a morte, como uma forma de sepultamento e esvaziamento dos desejos, prazeres e expectativas, como se morresse junto com o ente amado. Assim, podemos pensar os medos apresentados, como uma forma de reserva da vida, uma paralisia para com o mundo, bem como, uma forma de desapegos e o desligamento gradual do social.

Na escuta do idoso, uma estranheza de si demanda o adaptar-se a este novo corpo que habita, superando as dificuldades que esta máquina orgânica vem apresentando, bem como, a falar de seus feitos, sofrimentos, medos e ansiedade em relação à morte, procuram adaptar-se a nova vida e a falta de quem um dia foi parte dela. Além destas perdas, existem outras significativas, as chamadas mortes simbólicas ou de representações sociais, que envolvem o corpo, o financeiro, as relações ou o status social, entre outros. Ao se deparar com as perdas, as mudanças são significativas de modo subjetivo, social e econômico. Contudo, para a elaboração do luto, existem as questões psicológicas,

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

o sofrimento e a reelaboração de uma vida, que foi construída junto a estes entes falecidos. E quando a aceitação desta realidade que lhe é imposta começa aos poucos se desvincular de sua perda, inicia-se um processo de readaptação ao real.

Ao refletir o que Freud (1917) apresenta, pode-se pensar que a partir das perdas dos objetos amorosos para a elaboração do luto, faz-se necessário um novo investimento libidinal, ou a outros novos objetos. O autor refere-se a um empobrecimento e esvaziamento do mundo, e, com isso, há a necessidade de se adotar um novo objeto para que a libido volte a transitar entre o ego, o objeto e o mundo externo, diante dessa conexão se estabelecerá novamente um equilíbrio entre eles (FREUD, 1917, p. 250-251). A partir de todos estes processos da vivência de medo e de luto, um investimento libidinal a um novo objeto e uma reelaboração de sua imagem no espelho, traz a possibilidade de um novo transitar entre o ego, o objeto e o mundo externo.

Refletir sobre os processos de envelhecimento e o enfrentamento de sua finitude revela ao idoso, a face obscura inevitável a ser negada ou negociada, ao defrontar-se com a morte, o coloca em estado de angústia, e assim, diante da possibilidade da falta, faz-se uma negociação com a morte; o medo, como um processo de afastamento do social para um desligamento gradativo deste, como forma de preservação; o luto torna-se uma forma de readaptação e reelaboração da nova vida diante dos vínculos rompidos.

#### Conclusão

Enfim, a psicoterapia com idosos tornou-se um espaço de escuta, onde possa se restabelecer seus valores simbólicos, pois por meio de suas falas, estes ressignificam, entrelaçam o passado vivido, o enfrentamento do real com os caminhos que ainda idealizam percorrer. Porque a entrada na velhice deflagra uma crise subjetiva que, apoiada na constituição psíquica, na história e no contexto social do sujeito, pode ou não abrir inúmeras possibilidades de ressignificação. (...) A escuta se coloca a serviço de resistir ao apagamento e à paralisia desse processo, potencializando-o. Nesse sentido, o atendimento terapêutico, lado a lado com o paciente, resiste à desistência eminente ou acompanha o idoso na escolha de se apagar diante de tamanha força, trabalho muito doloroso, (PEIXEIRO, 2013, p. 73),

a ponto de aparecer na prática clínica de forma visível as resistências. No entanto, com a possibilidade de ressignificação o idoso olha para frente, fazendo planos para o futuro, se preparando para as futuras perdas, elaborando lutos, tentando afastar-se da finitude do próprio ser. Para isso, a necessidade da realização de um espaço de escuta, que se volta com um olhar reflexivo da temática, discutindo-o em diversas áreas de conhecimento, dentro de um percurso de livre discussão do assunto, e principalmente, concebendo o idoso como um sujeito desejante, e que, os sofrimentos apresentados, estão para além de um corpo, que se apresenta faltante.

#### Palavras-chave

Escuta clínica; Envelhecimento; Medo; Finitude.

#### Referências Bibliográficas

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

CHERIX, K. Viver com demência: relato de um acompanhamento terapêutico em instituição. In: BARBIERI, Natália A.; BAPTISTA, Carolina G., ogr. Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: Obras completas de Sigmund Freud vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917.

FREUD, Sigmund. Nossa Atitude para com a Morte. In: Obras completas de Sigmund Freud vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1915.

GOLDFARB, D. C. Corpo, Tempo e Envelhecimento. São Paulo. Editoria do Psicólogo, 1998.

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicologia do Envelhecimento. Correio da APPOA, Porto Alegre, nº 42, dezembro de 1996, p. 4.

KOVÁCS, M. J. Morte e Desenvolvimento Humano: Morte, Separação, Perdas, o Processo de Luto. 5ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 1992.

PEIXEIRO, M. H. Desamparo e velhice: uma travessia acompanhada. In: BARBIERI, Natália A.; BAPTISTA, Carolina G., ogr. Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.